

O DISCURSO INTERIOR É ARGUMENTATIVO?

Karin QUAST¹

RESUMO: Pretendemos aqui discutir a dimensão argumentativa do discurso interior, com base nas marcas discursivas observadas nos enunciados de aprendizes de inglês como língua estrangeira durante interações em sala de aula. Com base na discussão de Vygotsky em relação à fala egocêntrica e complementando a análise usando a perspectiva bakhtiniana de linguagem, propomos que a fala egocêntrica é essencialmente dialógica e que a auto-regulação também pode ser concebida como argumentativa.

ABSTRACT: In this paper we aim to discuss the argumentative dimension of inner speech, based on the discursive marks observed in the enunciation of learners of English as a Foreign Language during classroom interactions. Based on the discussion started by Vygotsky in relation to egocentric speech and complementing the analysis using a bakhtinian approach to language, we propose that inner discourse and egocentric speech are essentially dialogical and self-regulation can also be conceived as argumentative.

Neste trabalho buscamos avançar nossas discussões em relação à investigação da fala privada (ou fala egocêntrica²), ou seja, o “falar consigo mesmo” em voz alta, ou melhor, dos indícios do trabalho que ocorre no discurso interior no processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras (doravante LEs). Inseridos na perspectiva histórico-cultural, buscamos examinar a dimensão argumentativa da fala privada (FP) de adultos a partir da concepção bakhtiniana de linguagem.

Cabe aqui mencionar que consideramos como fala privada enunciados (ou partes de enunciados) que indicam reflexão, tentativa de resolução de problemas ou de (re)elaboração ou que fornecem pistas para o trabalho ocorrendo na dimensão do discurso interior e que ‘escapa’, vaza, por assim dizer.

Conforme já apontamos anteriormente (por exemplo, Quast, 2007), as pesquisas inseridas na perspectiva histórico-cultural que enfocam essa questão no campo de aprendizagem de LEs geralmente concebem o fenômeno de forma dicotômica e univocal, monológica, havendo grande preocupação em recortar a fala estritamente dirigida ao próprio sujeito e a fala dirigida ao outro (fisicamente presente na interação).

Nossos dados, porém, evidenciam que a fala dirigida a si mesmo por vezes está imbricada no enunciado dirigido ao outro. Além disso, num mesmo enunciado podemos entrever várias vozes (que respondem umas às outras), revelando, pois, sua natureza essencialmente dialógica. Não poderia ser de outra forma, visto que a linguagem é dialógica por excelência. Todo enunciado está já povoado pelas palavras do outro, por

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação na Faculdade de Educação/UNICAMP – grupo de pesquisa GPPL, bolsista FAPESP desde maio de 2007. Orientadora: Profa. Dra. Luci Banks-Leite.

² A investigação da fala egocêntrica possui, para Vygotsky (1987), grande importância, pois é o ‘ponto de encontro’ entre o plano interpsicológico e intrapsicológico. Sendo internalizada e atuando, pois, no plano intramental, é responsável pelo planejamento, direcionamento, monitoração, reelaboração, auto-reflexão, (re)estruturação do pensamento e, especialmente, para a auto-regulação. A utilizamos, por exemplo, ao buscar vencer dificuldades e solucionar problemas. Desta forma, esse “falar consigo mesmo” não está restrito a crianças; a sua emergência também pode ser verificada em adultos.

outras vozes e posições sociais (muitas vezes contraditórias), é orientada ao outro e deste sempre aguarda uma resposta (ou uma compreensão ativa e responsiva); é, portanto, função do interlocutor (seja este presencial ou 'virtual') que, por sua vez, nunca é abstrato. Do mesmo modo, ao enunciar, o locutor também leva em consideração o horizonte social. E é muitas vezes antecipando ou presumindo a resposta do outro (Bakhtin, 1992:321) ou suas contrapalavras, que reorientamos nosso dizer.

Benveniste (2005:87-88) também aponta o diálogo como a estrutura fundamental do "monólogo", sendo este "um diálogo interiorizado transformado em 'linguagem interior', entre um eu locutor e um eu ouvinte". Para o autor, a presença desse "eu ouvinte" (que por vezes faz intervenções) é necessária para que a enunciação seja significativa. Ou seja, ao falar 'consigo mesmo' o locutor tem um destinatário, ou melhor, um sub-destinatário, como afirma Bakhtin. Assumimos, portanto, que ao tratarmos do funcionamento intrapsicológico não podemos desconsiderar o outro.

Desta forma, ao concebermos a FP auto-reguladora como dialógica (e com a estrutura de um diálogo), pudemos verificar o embate de vozes que nela se revela (cf. Quast, 2007), sendo isso justamente o que nos permitiu perceber sua natureza argumentativa. Observamos que Bakhtin (1999:63-64) admite que as formas do discurso interior somente poderiam ser explicadas a partir das formas do discurso dialogado, afirmando que "(...) as formas mínimas do discurso interior são constituídas por monólogos completos, análogos a parágrafos, ou então por enunciações completas. Mas elas assemelham-se ainda mais às réplicas de um diálogo".

Mas, retornando ao foco deste trabalho, em que base poderíamos considerar a fala privada como argumentativa? O que entendemos por argumentar?

A argumentação é geralmente concebida como ocorrendo na interação, caracterizada pela construção, negociação e transformação de sentidos, sendo considerada um recurso importante na construção de conhecimento. As discussões, questionamentos, dúvidas, críticas, elaborações e reconstruções ou a construção de argumentos e a revisão de posições, levam o aluno a refletir sobre seus pensamentos.

É, por conseguinte, uma atividade discursiva diferenciada cuja configuração (de suas propriedades semióticas e dialógicas) torna-a um cenário privilegiado para a transformação de perspectivas e para a auto-regulação do pensamento (Leitão, 2007).

A argumentação implica, pois, na colocação e defesa de um ponto de vista, visando ao convencimento ou adesão do outro³. É concebida enquanto atividade social e discursiva (Leitão e Banks-Leite, 2006), caracterizada pela construção, justificação, negociação e transformação de pontos de vista. É também de natureza dialógica (Leitão, 2000, 2007; Leitão & Banks-Leite, 2006; Rodrigues, 2006), uma vez que a oposição entre pontos de vista, mesmo que somente antecipada no discurso interior, conduz a um "espaço" de negociação. Nesse confronto de pontos de vista o sujeito é instado a responder (no sentido bakhtiniano do termo), ou seja, fazer uma réplica, confrontar posições, acolher ou não a palavra do outro, confirmá-la ou não, ampliá-la, refutá-la.

Destarte, a argumentação é tomada como um diálogo entre papéis argumentativos opostos, sendo que esses papéis dialéticos podem ser desempenhados por um mesmo sujeito (cf. Leitão & Banks-Leite, 2006). Acreditamos, pois, que os elementos constitutivos da argumentação, aqui entendida como afirmação de um (ponto de vista +

³ O outro aqui se refere não apenas ao outro presencial, mas também 'virtual', ou seja, é o outro dialógico, que representa as "outras vozes" que podem estar presentes nos enunciados.

justificativa = argumento; contra-argumento e resposta) podem ser percebidos na fala privada. Além disso, Leitão (2007) também considera a argumentação do sujeito consigo mesmo (argumentação auto-dirigida), afirmando que o diálogo (com um oponente imaginário) é seu modelo, definindo sua estrutura e funcionamento.

Dentre os estudos sobre argumentação que enfocam o desenvolvimento do pensamento metacognitivo, Rodrigues (2006) aponta os movimentos de auto-regulação, hipotetizando que, ao refletir sobre a construção de seu pensamento, o aprendiz realiza movimentos de monitoração. Em nossos dados, verificamos que esses movimentos muitas vezes são realizados não em resposta a um opositor real, mas em resposta a uma posição contrária, que se evidencia na voz do próprio locutor (na posição agora de seu interlocutor) que, por sua vez, revela o posicionamento de um outro 'virtual', ou seja, de vozes (incluindo-se aqui os artefatos culturais) e posições sociais internalizadas. Esse interlocutor atua, pois, no sentido de fornecer ao sujeito o "excedente de visão" (Bakhtin, 1992), levando-o a repensar, refletir, reelaborar ou reconstruir seu enunciado.

Bakhtin (2002:184) deixa já implícita a característica argumentativa do discurso ao explicar as relações dialógicas, "inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala" (id. *ibid.*:183) e evidencia que dentro de um mesmo enunciado ou mesmo em uma palavra haverá uma relação dialógica, se percebermos aí a voz de outra pessoa⁴.

Tomando como base os trabalhos do Círculo de Bakhtin, Goulart (2007) propõe que enunciar é agir sobre o outro; "enunciar é argumentar", uma vez que um enunciado é sempre "produzido intencionalmente na direção do outro". A pesquisadora retoma, com base em Bakhtin, a questão do conflito que existe no nosso interior em relação aos diferentes pontos de vista e às diferentes tendências e avaliações ali presentes, além da questão da palavra de autoridade e do valor que a sustenta, em contraposição à palavra internamente persuasiva. No nosso caso, podemos considerar o(s) professor(es), a estrutura da LE, os livros didáticos, textos (orais e escritos) com os quais os alunos mantêm ou tiveram contato como a palavra de autoridade que então requer aceitação e, conseqüentemente, 'regula' seu dizer. Mas, ainda assim, essa aceitação não se realiza sem tensões, seja porque as regras da LE às vezes entram em conflito com as da língua mãe, ou porque é difícil nos apropriarmos delas, seja devido a embates de significados, sentidos, valorações, etc., ou mesmo questões identitárias.

Apoiados, pois, no corpo teórico exposto, analisaremos o recorte de uma aula de inglês de nível iniciante em regime de grupo particular composto de três alunos cursando o primeiro ano do curso de Engenharia em uma instituição Federal no interior do Estado de São Paulo. Esse mesmo recorte foi analisado em trabalho anterior (Quast, 2007), mas é aqui retomado para discutirmos sua dimensão argumentativa.

⁴ As relações dialógicas são possíveis não só entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significante do enunciado, inclusive a uma só palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, mas como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvirmos nela a voz do outro. [...]. Por último, as relações dialógicas são possíveis também com a sua própria enunciação como um todo, com partes isoladas desse todo e com uma palavra isolada nele, se de algum modo nós nos separamos dessas relações, falamos com ressalva interna, mantemos distância face a elas, como que limitamos ou desdobramos a nossa autoridade.

Análise de dados

Sinais de transcrição:

Alunos: PA, MA, GU. Professora: T.

Pausas pequenas: / (um sinal / para cada segundo)

Prolongamento do som:

1. MA: *Oh teacher Ah: I: / I / now / I ha / I have / no / I am: / I: / am / try / no*
2. PA: *I am trying*
3. MA: *Eh / no / eh / now I have / no / now I are / try / trying // é isso mesmo / have / now / I are / I is / não pera aí / tô viajando aqui professora*
4. PA: *I am*
5. MA: *I am trying train the: karate*

Podemos perceber, nesse pequeno recorte, o processo *online* de construção de um enunciado; processo este que geralmente fica oculto, ou seja, nem sempre é externalizado. As dificuldades de elaboração são evidenciadas pela atividade epilínguística (Geraldí, 1991), ou seja, pelas pausas, interrupções, hesitações, alongamento de vogais, repetições, tentativas de reformulação, que são exatamente os indícios, os vestígios que temos de um trabalho realizado no âmbito do discurso interior.

É interessante observar que em um mesmo enunciado MA se dirige ao seu interlocutor e ‘a si mesmo’ e nesse movimento, na fala de MA podemos observar no mínimo duas vozes: uma que tenta elaborar um enunciado e outra que monitora essa produção e intervém evidenciando que algo não está correto. Nesse processo de auto-regulação, evidenciado por intermédio de “no”, “é isso mesmo” e finalmente “*não peraí / tô viajando aqui professora*” temos revelado o processo dialógico, a presença de outras vozes que lhe respondem, ou seja, fazem uma réplica, confrontam, acolhem, confirmam, rejeitam, ampliam. Temos aqui, portanto, no mínimo duas vozes ou posições enunciativas: uma que afirma e outra que refuta aquilo que foi dito. Em função do que lhe diz a segunda, a primeira busca então reelaborar e ao fazê-lo, dialoga ainda com outras vozes, na medida em que parece estar confrontando seu dizer com algo já lido ou ouvido anteriormente (ou seja, a voz de professores, livros didáticos, textos já lidos ou algo já ouvido anteriormente), ou seja, dialoga com os artefatos culturais também.

O que nos chama a atenção é o fato de que a presença de outra voz é observada mais claramente justamente na fala auto-reguladora. Isso evidencia que a regulação (do comportamento e do pensamento) se dá pela linguagem e nos leva a inferir que sempre se dá a partir do outro. Assim, a auto-regulação implica um diálogo com outras vozes ou posições sociais internalizadas, bem como com o horizonte social. É sempre um diálogo que revela uma posição contrária, uma crítica.

É aqui que percebemos o aspecto argumentativo de sua fala. Há uma voz que formula uma hipótese com relação ao funcionamento da linguagem na LE (ou apresenta um *ponto de vista*) e outra que refuta essa hipótese (ou apresenta uma *contra-posição*) com base em outros enunciados, levando o enunciador a tentar a reelaboração (ou seja, uma *resposta*). Teríamos, portanto, alguns dos elementos constitutivos da argumentação (mesmo que de forma não tão explícita) que “envolve a presença de **pontos de vista**

(PV) divergentes sobre um mesmo tópico, a **justificação (J)** dos mesmos, **contra-posições (CA)** e possíveis **respostas (R)** às mesmas”. (Rodrigues, 2006:52)

Sob a perspectiva de Leitão (2007), a argumentação “desencadeia um processo de revisão, e eventual transformação, de concepções a respeito de objetos e fenômenos diversos”. No caso de nossos aprendizes, seria a revisão de suas hipóteses sobre o funcionamento da LE, sobre a adequação de seu enunciado e sua possível transformação, revisão. Em relação ao “processo de auto-regulação do pensamento que compele o argumentador à reflexão sobre os fundamentos e limites de suas concepções sobre o mundo”, acreditamos que poderíamos substituir “concepções sobre o mundo” por concepções a respeito do funcionamento da língua estrangeira.

O enunciado “*não péraí / tô viajando aqui professora*” está, pois, sendo visto como um enunciado de contra-posição que implica, portanto, em uma nova tomada de posição e em tentativa de reformulação e, conseqüentemente, uma resposta (no sentido bakhtiniano), podendo levar à construção de conhecimento (uma vez que, em nossa opinião, a reformulação num dado momento nem sempre a garante).

O jogo de posições enunciativas e o processo de argumentação é descrito no quadro a seguir, onde consideramos os papéis de MA como proponente e oponente1 e PA como oponente2:

Posições enunciativas	Fase da argumentação	
Proponente	Formulação de um ponto de vista (PV)	<i>Oh teacher / Ah: I: / I / now / I ha/ I have /</i>
Oponente	Contra-argumentação - CA	No
Proponente	Revisão/reformulação	<i>I am:: / I: / am / try</i>
Oponente	Contra-argumentação - CA	No
Oponente2	Contra-argumentação - CA	<i>I am trying</i>
Proponente	Tentativa de reformulação	<i>Eh /</i>
Oponente	Contra-argumentação - CA	no /
Proponente	Revisão/reformulação	<i>eh / now I have /</i>
Oponente	Contra-argumentação - CA	No
Proponente	Revisão/reformulação	<i>now I are / try / trying</i>
Oponente	(adesão)	<i>é isso mesmo</i>
Proponente	Tentativa de reformulação	<i>/ have / now / I are / I is /</i>
Oponente	Contra-argumentação - CA	não péraí /
Proponente	Abandono do ponto de vista	<i>tô viajando aqui professora</i>
Oponente2	Contra-argumentação	<i>I am</i>
Proponente	Resposta – R	<i>I am trying train the: karate</i>

O que propomos, portanto, é que o discurso interior e, conseqüentemente, a fala privada não podem ser considerados univocais, sendo dialógicos por excelência e muitas vezes argumentativos. As questões relativas à alteridade, heterogeneidade, bivocalidade, podem ser mais amplamente discutidas com base nos trabalhos de Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), que neste trabalho não teremos espaço para discutir.

Acreditamos, entretanto, que o episódio aqui analisado evidencia a não-coincidência interlocutiva. Hipotetizamos que podemos nesse recorte entrever, por exemplo, formas marcadas de *conotação autonímica*, onde a “figura normal de usuário das palavras é desdobrada, momentaneamente, em uma outra figura, a do observador das

palavras utilizadas; e o fragmento assim designado – marcado por aspas, por itálico, por uma entonação e/ou alguma forma de comentário – recebe, em relação ao resto do discurso, *um estatuto outro*.” (Authier-Revuz, 2004:13).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUTHIER-REVUZ, J. (2004). *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- _____. (1990). “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”, in: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, vol. 19, pp. 25-42.
- _____. (1998). *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov) (1999[1929]). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4ª edição. São Paulo: Hucitec.
- _____. (2002[1929]). *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (1992[1979]). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BENVENISTE, É. (2005[1966]). *Problemas de Lingüística Geral II*. 2ª edição. Campinas: Pontes.
- GOULART, C. (2007). “Enunciar é argumentar: analisando um episódio de uma aula de História”, in: *Revista Pro-Posições*, vol. 18, n.º 3(54), pp. 93-108.
- GERALDI, J. W. (1991). *Portos de passagem*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- LEITÃO, S.; BANKS-LEITE, L. (2006). “Argumentação na linguagem infantil: algumas abordagens”, in: DEL RÉ, Alessandra (org.), *Aquisição da linguagem – uma abordagem psicolingüística*. São Paulo: Contexto, pp. 45-61.
- LEITÃO, S. (2000). “The potential of argument in knowledge building”, in: *Human Development*, vol. 43, n.º 6, pp. 332-360.
- _____. (2007). “Argumentação e Processos de Construção do Conhecimento”. Versão preliminar de capítulo a ser publicado em Kronmüller, E.; Cornejo, C. (orgs.) *Ciencias de la Mente: Aproximaciones desde Latinoamérica*. Santiago, Chile: J.C. Sáez Editor (draft enviado pela autora).
- RODRIGUES, S. R. de C. R. (2006). *Argumentação em sala de aula: um caminho para o desenvolvimento da auto-regulação do pensamento*. Tese de doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- QUAST, K. (2007). “Por uma concepção dialógica da fala privada”, in: *Anais do XIII SETA*. Versão eletrônica disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/seer/seta/ojs/>.
- VYGOTSKY, L. V. (1987[1924]). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.